

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DOS OFÍDIOS DO BRASIL

13. Observações a propósito de "cobras-cegas" (fam. *Typhlopidae* e fam. *Leptotyphlopidae*)

AFRÂNIO DO AMARAL

(Secção de Ofiologia e Zoologia Médica, Instituto Butantan)

A. RETROSPECTO SISTEMÁTICO E NOMENCLATURAL

Boulenger, em seu famoso Catálogo (1), colocou os gêneros *Anomalepis* Jan, 1861 e *Glauconia* Gray, 1845 na família *Glauconiidae*. Actualmente essa família se chama *Leptotyphlopidae*, de acordo com o seu genótipo, cujo nome, *Leptotyphlops*, criado em 1843 por Fitzinger (2), tem, conforme Stejneger mostrou em 1891 (3), prioridade sobre *Glauconia* Gray, 1845, *Stenostoma* Duméril & Bibron, 1844, e outros posteriores.

O gênero *Anomalepis* foi por Jan criado para conter a espécie *mexicana*, por ele descrita e figurada (em desenhos de Sordelli) em 1860 (4). Os desenhos de Sordelli foram mais tarde reproduzidos por Bocourt (5).

Boulenger, por presumir que Jan não examinara a dentição de *Anomalepis*, resolveu colocar este gênero entre as *Glauconiidae* (actualmente *Leptotyphlopidae*) em lugar de o situar entre as *Typhlopidae*. Preferiu, assim, não acompanhar o parecer de Jan, embora não tivesse conferido os dados de Garman (6). Todavia, segundo Dunn (7) mostrou e eu o confirmei posteriormente (8), Garman incorreu em erro ao afirmar que *Anomalepis* não possuía dentes maxilares. Na verdade, *A. mexicana* não somente apresenta maxilar dentífero como a sua mandíbula é desdentada. Por este motivo, o gênero *Anomalepis*, cujos representantes se encontram entre as serpentes desprovidas de ectopterigoide, deve ser incluído entre as *Typhlopidae*.

SUBDIVISÃO — Aliás, esta família deve, a meu vêr, ser desmembrada em duas sub-famílias, que facilmente se distinguem entre si pela presença ou

Recebido, para publicação, em 13.X.1954.

ausência de escudos pre-anais. Essas duas sub-famílias deverão denominar-se, respectivamente, *Typhlopinae* e *Anomalepidinae*.

Feita essa separação, as chamadas "cobras-cegas", representadas por serpentes desprovidas de ectopterigoide, passam, genericamente, a distinguir-se da seguinte maneira:

B. CHAVE SINÓPTICA DAS FAMÍLIAS

- | | |
|---|------------------|
| 1) Maxilar curto, vertical, pauci-articulado, dentífero em geral. | |
| Mandíbula desdentada. Pelve uni-óssea. Nasal afastada ou não da boca. | |
| Cabeça com placas ou escamas | TYPHLOPIDAE |
| A) Escudos pre-anais ausentes. Nasal longe da boca | TYPHLOPINAE |
| a) Cabeça com placas: | |
| x) 2 prefrontais e 1 frontal; nasal pequena, horizontal; narina entre 2 nasais | HELMINTHOPHIS |
| x') 1 prefrontal, nasal grande, vertical, desde focinho até topo da cabeça ... | TYPHLOPS |
| b) Cabeça com escamas | TYPHLOPHIS |
| B) Escudos pre-anais presentes. Nasal até à boca | ANOMALEPIDINAE |
| Cabeça com 2 prefrontais e 1 frontal, grandes | ANOMALEPIS |
| 2) Maxilar ± longo, horizontal, multi-articulado (com premaxilar, prefrontal e frontal), desdentado. Mandíbula dentífera. Pelve bi-óssea (isquios em sínfise). Escudos pre-anais presentes. Nasal contígua à boca | LEPTOTYPHLOPIDAE |
| Cabeça com rostral, nasal e ocular, grandes, e com 1 frontal, pequena | LEPTOTYPHLOPS |

C CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPÉCIE *LEPTOTYPHOLOPS CUPINENSIS* BAILEY & CARVALHO, 1946.

Em 1946 foi criada a espécie *Leptotyphlops cupinensis* (9), acompanhada de excelente descrição e de expressivos desenhos que representam os principais caracteres da folidose cefálica e do hemipene do holótipo, um ♂, colhido na região do rio Tapirapé, N. E. de Mato Grosso, Brasil.

A nova espécie, que foi pelos próprios autores considerada afim de *L. septem-striata* (Schneider, 1801)*, desta distinguir-se-ia por possuir maior número (+ 60) de escamas dorsais na fila mediana, e maior número (cêrca de

(*) Esta espécie foi, por engano desses autores, atribuída a Schlegel.

7) escamas sub-caudais e por não possuir as 7 estrias escuras ao longo do dorso.

Comparando atentamente os desenhos dos escudos cefálicos (Figs. 1 e 2), divulgados, por Bailey & Carvalho, no corpo da descrição de *L. cupinensis*, com a gravura que da espécie *L. septem-striata* se encontra in Tab. VI, fig. 13, do trabalho de Jan (10) e ora por mim reproduzida na Fig. 1-2, verifiquei que nessa gravura o desenho feito por Sordelli é realmente incorrecto na representação, não somente da nasal (que nele, Fig. 2, surge semi-dividida em lugar de inteiramente dividida, como é na verdade), mas, sobretudo, das placas situadas para trás da ocular. Isto, porque, no desenho *a* da Fig. 13 (conforme Jan-Sordelli e Fig. 1 no presente trabalho) aparecem, de cada lado do tópo da cabeça, 3 grandes escudos para trás da nasal; desses escudos o primeiro corresponde à ocular, podendo considerar-se como parietal o segundo e como temporal superior (occipital, na nomenclatura de Bailey & Carvalho) o terceiro; já no desenho *f* de Jan-Sordelli (Fig. 2 no presente trabalho) que representa o aspecto lateral dessa mesma cabeça, não se encontra o terceiro escudo (temporal superior ou occipital).

Corrigindo e completando, conforme é de mistér, esse desenho, encontro o aspecto que ora apresento na Fig. 2 A deste meu trabalho.

Comparando, agora, a cópia, assim corrigida, do desenho de *L. septemstriata* (conforme Jan-Sordelli), com o aspecto lateral (sua Fig. 1) da cabeça de *L. cupinensis*, divulgado por Bailey & Carvalho, pode-se perfeitamente admitir não exista realmente diferença de maior monta neste particular entre as duas espécies.

REPAROS — No tocante aos defeitos ocorrentes nos desenhos feitos por Sordelli e publicados por Jan em sua *Iconografie Générale*, basta-me para o efeito recordar os seguintes factos:

a) Tratando da espécie *Helminthophis flavoterminalis*, o seu próprio autor, Peters (11), não se conteve que criticasse a figura divulgada na *Iconografie Générale*;

b) Redescrevendo a espécie *Anomalepis mexicana*, em trabalho anterior eu patenteei (8) as incorrecções cometidas por Sordelli, divulgadas por Jan e reproduzidas por Bocourt (5);

c) Comparando-se, na Tab. VI, Fig. 11 (fasc. II) de *Iconografie Générale*, os aspectos *a* (tópo) e *f* (lado), apura-se haver Sordelli cometido, quanto a *L. sundevalli*, (*), a mesma incorrecção que a por mim acima apontada a respeito de *L. septemstriata*. Essa incorrecção se revela na falta, em *f*, de 1 es-

(*) Este nome específico foi por Boulenger (in *Cat. Sn. Brit. Mus.* 1893. I: 68) alterado para *sundevallii*, com infracção das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica.

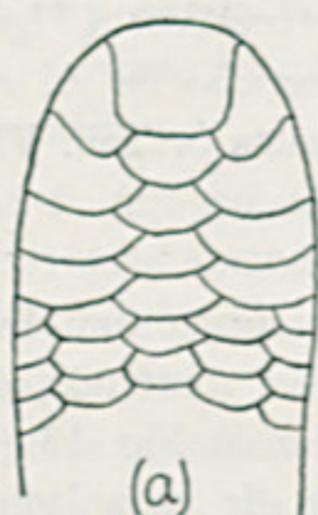


FIG. 1

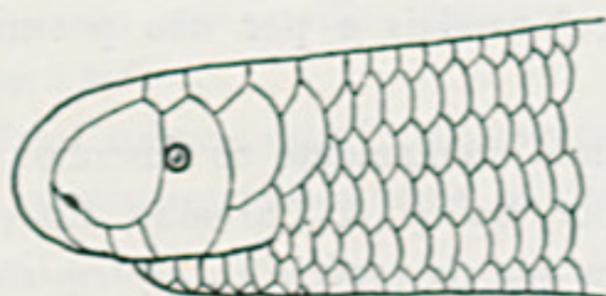


FIG. 2 A

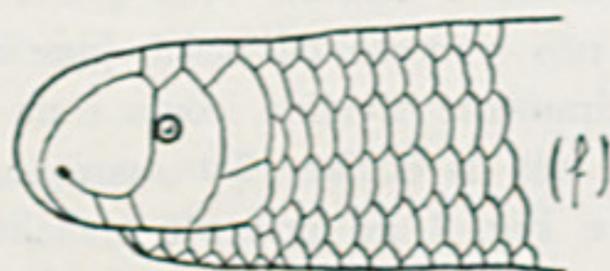


FIG. 2

FIG. 1 — Cabeça (topo) de *Leptotyphlops septemstriata* (Schneider) (semi-esquemática, cf. Jan-Sordelli, $\times 2$).

FIG. 2 — Cabeça (lado) de *L. septemstriata* (semi-esquemática, cf. Jan-Sordelli, $\times 2$).

FIG. 2-A — Cabeça (lado) de *L. septemstriata* (semi-esquemática, corrigida por Amaral, $\times 2$).

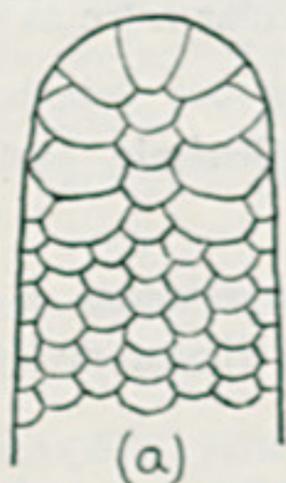


FIG. 3

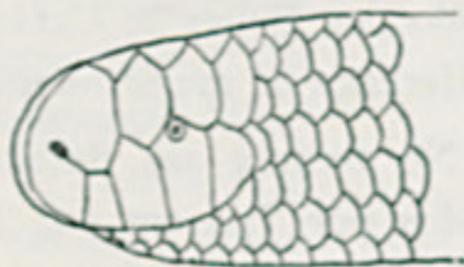


FIG. 4 A

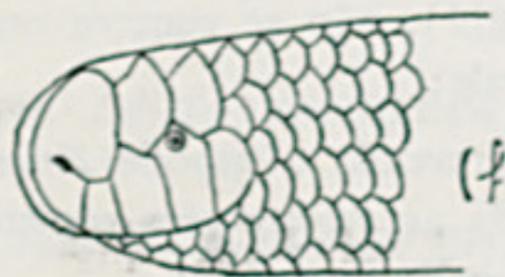


FIG. 4

FIG. 3 — Cabeça (topo) de *Leptotyphlops sundewalli* Jan (semi-esquemática, cf. Jan-Sordelli, $\times 2$).

FIG. 4 — Cabeça (lado) de *L. sundewalli* (semi-esquemática, cf. Jan-Sordelli, $\times 2$).

FIG. 4-A — Cabeça (lado) de *L. sundewalli* (semi-esquemática, corrigida por Amaral, $\times 2$).

cudo que é o temporal superior, ou occipital (Figs. 3 e 4 do presente trabalho). Corrigido esse lapso do desenho feito por Sordelli, surge o aspecto revelado pela Fig. 4A do presente trabalho.

ANÁLISE — Passo agora a analisar os 3 pontos restantes de distinção de *L. cupinensis*, assinalados no trabalho de Bailey & Carvalho:

a) Escamas médio-dorsais: a diferença não teria valor específico dentro desse grupo, segundo conceito de quem dele possui a necessária experiência;

b) Escamas sub-caudais: a pequena diferença pode perfeitamente ter significado apenas sexual nesse grupo: poder-se-ia admitir corresponder a uma ♀ o número mais baixo (cêrca de 7) encontrado em *septemstriata*, visto como é um ♂ o holótipo de *cupinensis*;

c) Colorido dorsal: sendo aparentemente jovem o único exemplar de *cupinensis* e decididamente adulto o tipo de *septemstriata* (120 mm versus 280 mm, respectivamente, de comprimento total), tal diferença poderia talvez corresponder a carácter ontogenético (idade).

Tratando-se de dois exemplares colhidos na bacia do Amazonas, embora em pontos bem distantes (um no distrito do rio Negro, outro no distrito do rio Araguaia), poder-se-ia finalmente admitir a sua identidade específica à luz do argumento zoo-geográfico, tanto mais quanto, para outras espécies do mesmo grupo (e especialmente com relação a *L. albifrons*), se admite área de dispersão muito mais extensa.

Todavia, somente por meio do exame comparativo e cuidadoso de outros exemplares dessas duas formas, colhidas em pontos intermédios àqueles dois distritos, é que se poderia chegar à conclusão de tratar-se de espécies distintas ou não.

SUMMARY

The characters assigned to *Leptotyphlops cupinensis* by Bailey & Carvalho (1946) are so close to those found in *L. septem-striata* (Schneider, 1801) as not to warrant their separation as distinct species.

In the light of our present knowledge, the family *Typhlopidae* must be divided into two subfamilies: *Typhlopinae* (genera *Typhlops*, *Typhlophis* and *Helminthophis*) and *Anomalepidinae* (genus *Anomalepis*).

BIBLIOGRAFIA

1. Boulenger, G. A. — Cat. Sn. Brit. Mus. 1:57-71, 1893.
2. Fitzinger, L. — Syt. Reptilium: 24, 1843.
3. Stejneger, L. — Proc. U. S. Natl. Mus. 14:501, 1891.
4. Jan. G. & Sordelli, F. — Icon. Gén. Ophidiens 1, tb. 6, fig. 1, 1860.
5. Bocourt, M. F. — Miss. Scient. Mex. & Amér. Centr. Rept.: 503, tb. 29, fig. 4, 1882.
6. Garman, S. — Mem. Mus Comp. Zool. 8(3): 2, 129, 1883.
7. Dunn, E. R. — Proc. Biol. Soc. Washington 36:185, 1923.
8. Amaral, A. do — Bull. Antivenin Inst. America 1(3): 88-89, 1927.
9. Bailey, J. R. & Carvalho, A. L. de — Bol. Mus. Nacional, Rio (Zool.), 52: 1-4, 1946.
10. Jan, G. & Sordelli, F. — loc. cit. 1, tb. 6, fig. 13.
11. Peters, W. C. H., — Arch. f. Naturgesch. 1: 43, 1862.